

# EDITORIAL

---

Mantendo a pontualidade em nossa periodicidade, lançamos nesse dia a edição regular volume 7, número 3 (2021), que corresponde ao vigésimo terceiro exemplar de nossa coleção.

Dissertar sobre as dificuldades decorrentes da pandemia Covid-19, tanto em recursos humanos quanto financeiros, embora ainda possa refletir nosso desalento, tornou-se praxe e sem desmerecer sua importância, deslocamo-nos a abordar um novo assunto. No editorial passado comentamos, com satisfação, a inclusão da revista MIX Sustentável no portal de periódicos da UFSC. Agora, nesse editorial, precisamos informar nossos leitores sobre a desistência de pertencer ao portal, decisão tomada já na primeira reunião com a equipe de gestão do portal.

A decisão de continuarmos sem fazer parte do portal de periódicos da universidade, longe de ser leviana, foi pautada em aspectos que relacionam respeito, dedicação e reconhecimento.

Por respeito, entendemos ser uma questão fundamental, mútua. Dessa maneira, reconhecemos os benefícios advindos da inclusão do nosso periódico no portal, que funcionaria como um cancelamento por parte da universidade da qualidade do mesmo. Não podemos deixar, contudo, de perceber questões de imposição e perda de identidade. E nesse sentido tivemos como impressão que as pessoas que estão à frente do processo parecem alheias às questões próprias e específicas de cada periódico, que vão desde preferências até expertises, num talvez não perceptível desrespeito ao trabalho já realizado.

Após 6 anos de edição deste periódico, migrar ao portal de periódicos da UFSC significaria perder os endereços de nossas páginas, ter nossos emails submetidos pela identificação do portal e em retribuição receberíamos o apoio com orientações sobre como devemos conduzir o nosso processo editorial, mesmo após anos de experiência. Que se frise essa experiência, iniciada em 2015, com uma negativa de acesso à incubadora de periódicos da UFSC, pelo entendimento (pelos gestores da incubadora) que o tema da sustentabilidade aplicada em projetos não seria relevante por si só para gerar uma publicação e despertar o interesse científico. Foi nos recomendada a fusão com um outro periódico, como forma de justificativa. Desde lá, decidimos empreender sozinhos esta jornada e criamos a nossa página da UFSC e incluímos o periódico no sistema OJS.UFSC, junto com outras 20 iniciativas, que como nós, tiveram suas propostas não acolhidas junto à incubadora.

Desvendamos sozinhos, pouco a pouco, os meandros da qualificação QUALIS, da gestão dos periódicos em processo de revisão por pares duplo - cega, nas duas frentes, online e impressa. Criar ISSN, EISSN, DOIs, regatear por preços e encontrar meios que nos representassem e possibilitassem o custeio deste, sem contar com recursos de financiamento, foi um dos maiores problemas a contornar. Nisto, agradecemos a parceria com a ABEC (Associação Brasileira de Editores Científicos) que nos auxiliou no processo de obtenção de prefixo editorial e intermediou a emissão dos DOIs junto à Crossref, culminando com a nossa associação a esta entidade em 2020, de forma a viabilizar financeiramente a continuidade da emissão dos DOIs.

Batalhamos por recursos, ano a ano, enfrentando burocracias de criação e aprovação de projetos de extensão anuais junto à UFSC, para uma iniciativa que não possui prazo definido para conclusão, como forma de encontrar pessoas que pudessem nos auxiliar nos trabalhos rotineiros de design de edição, criação de capas, revisão de textos. Nisto agradecemos o apoio de todos que auxiliaram neste processo, entre alunos da graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo, Design e outros como Letras, Engenharia Ambiental e Engenharia Civil, além dos mestrandos e doutorandos do PósARQ vinculados ao Grupo de Pesquisa VirtuHab.

Claro que a obtenção de recursos via cobrança de taxas de submissão, revisão, editoração ou mesmo publicação, como fazem periódicos de grandes editoras, seria um subterfúgio. Entretanto estes editores e seus conselheiros, desde o início acreditaram que o conhecimento científico acerca da temática da sustentabilidade, deve ser aberto, irrestrito e isento de forma a impulsionar a pesquisa e sua divulgação para o maior público possível, sem necessariamente perder a cientificidade e rigor do conteúdo. Fazer com que a ciência se torne popular e ao alcance de todos, incluindo aqui estratégias de tornar o conteúdo científico mais amigável e entendível pelo público em geral, é um conceito ainda bastante inovador, que não foi compreendido por muitos dos agentes intervenientes do processo de editoração.

Por fim, o processo de indexação, catalogação e divulgação da página da revista representa um desafio contínuo. Entender o processo para adesão da revista aos mais de 25 sistemas aos quais sua página está vinculada, assim como as dezenas de bibliotecas ao redor do mundo, sem falar em sua adequação aos critérios de indexação estabelecidos e toda a morosidade dos processos de avaliação, anos de embargo para re-submissões, entre outros, tornam a modificação dos endereços da revista impraticável, para que se quer fosse pensável a adoção da identidade do portal de periódicos da UFSC. Que sirva de alerta aos gestores que, ou esta adesão ocorre no início da criação do periódico e pode realmente servir como um impulsionador, ou para revistas já consolidadas, servirá apenas como um entrave.

Isso leva ao segundo aspecto mencionado: dedicação. Os editores da Mix Sustentável contabilizam até o presente momento 7 anos de dedicação, e qualquer colega editor sabe como é difícil a trajetória inicial, que vai desde a dificuldade de atrair bons artigos, como também conseguir reunir professores e pesquisadores nacionais e estrangeiros que, sem qualquer compensação financeira, aceitem participar do processo que envolve, entre outras coisas, a leitura e emissão de pareceres de artigos científicos.

O atraso na atualização do sistema Qualis relega revistas como a MIX Sustentável (cuja avaliação da Capes data do distante ano de 2016, quando tínhamos apenas 2 edições publicadas) a condição de sermos apenas B5 e B4 (para as sete áreas do conhecimento em que fomos qualificados), enquanto esperamos pela confirmação do novo qualis, cujo A4 inicialmente mencionado foi bastante motivador.

O uso equivocado do sistema Qualis, reafirmado pela própria CAPES como sendo apenas um meio de avaliar a produção dos programas de pós-graduação, como fator de avaliação em concursos e editais diversos que acontecem nos âmbitos da ciência, aliado às tabelas de avaliação com um qualis desatualizado (quadriênio 2013-2016), com certeza prejudica sobremaneira a seleção da revista como meio de divulgação para jovens pesquisadores de todo o país, especialmente àqueles que começaram a publicar a partir de 2017. A morosidade de divulgação do novo qualis parece andar em sentido contrário à dinâmica atual do mundo moderno. Corrobora nesse sentido a decisão do Conselho de Pesquisa Europeu de proibir que os concursos e editais estabeleçam rotinas de avaliação pautadas em fatores de impacto e qualificação de periódicos, cuja relação com a qualidade da pesquisa publicada está se mostrando bastante tênue e questionável.

O que leva ao terceiro aspecto: reconhecimento. O sistema tradicional implantado em nossas universidades, adotado inclusive pelos órgãos consultivos como CAPES e CNPq estão defasados e com isso protegem a grupos específicos que por muitos anos podam iniciativas dos jovens pesquisadores, em uma relação falsa de produtividade egocêntrica. Por vezes o caminho dos recém doutores em busca dos poucos recursos disponibilizados é associar-se a grupos tradicionais há muito implantados nas universidades, tendo que deixar de lado suas pretensões científicas para se “encaixar” em pesquisas já em andamento que contem com algum financiamento/reconhecimento. Àqueles que por ventura não aceitarem a condição, estão fadados muitas vezes à precariedade de recursos, e a uma política de intimidação, que poderia ser considerada quase como um "Bullying" acadêmico.

Este ambiente é combustível propício para divergências e o que temos é um quadro geral onde os cientistas brasileiros acabam por substituir a colaboração pela competição, principalmente quando pertence a mesma instituição, disputando entre si recursos cada vez mais reduzidos, levando todos a um quadro produtivista de stress mental e físico, incompatível com a serenidade necessária a uma pesquisa. E tudo isso na visão hipócrita dominante onde espera-se resultados fantásticos de novos cientistas, recebendo bolsas de R\$ 1.500,00 (mestrado) a R\$ 2.200,00 (doutorado) com dedicação exclusiva e muitas vezes, sem qualquer apoio para compra de materiais e equipamentos para pesquisa.

Esse conjunto de fatores levou-nos a decisão de continuarmos mantendo a MIX Sustentável com sua independência formal, sem pertencer ao portal de periódicos. Respeitando, obviamente, todas as diretrizes do sistema OJS, e tendo em seu endereço virtual a estreita ligação com a universidade e grupo de pesquisa ao qual se vincula. Os editores mantêm-se comprometidos com o incremento contínuo da qualidade do periódico. Os resultados de nossa qualidade são inegáveis e após muito esforço, o processo de revisão da revista já seleciona artigos para a publicação nas edições que ocorrerão somente em 2022, com duas edições regulares já completas.

Qualidade que pode ser comprovada pelos 12 artigos que fazem parte dessa edição, com o primeiro vindo da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), tendo por título “Feasibility study for the usage of the acai stone as reinforcement for the modeling of plant polyurethane matrix composite material”, com uma temática que envolve desenvolvimento de novos materiais com sustentabilidade.

A construção civil é sempre um assunto recorrente dos artigos enviados e assim, o artigo 2, vindo da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) tem por título “Estudo da influência da aplicação de pó residual do processo de retífica à seco de placas cerâmicas em argamassas colantes industrializadas”.

Da mesma forma que a construção civil, resíduos é sempre um tema atual e muito estudado. Nessa temática, do estado gaúcho, proveniente da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), o terceiro artigo da edição tem por título “Definição do nível de conhecimento das partes interessadas sobre a responsabilidade compartilhada dos resíduos gerado pelo coco verde pós-consumo na região litorâneo do Rio Grande do Sul”.

Da UFG (Universidade Federal de Goiás), o quarto artigo tem por foco o Programa Minha Casa Minha Vida Rural (PMCMV), com o título: “Dilemas para o uso de soluções alternativas de saneamento rural: uma avaliação a partir do programa minha casa minha vida rural em Pontalina, Goiás”.

O artigo 5, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), cujo título é “Sistema construtivo Light Steel Framing: avaliação do desempenho de placas de madeira reconstituída”, testa materiais de acordo com a norma NBR 9533 (ABNT, 2012).

Pesquisa conjunta entre pesquisadores da UNESP (Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho") e a USP (Universidade de São Paulo) originaram o artigo “As pesquisas científicas de design e bambu no Brasil: ênfases e lacunas”, de leitura recomendada para pesquisadores que buscam entender as oportunidades de pesquisa no uso do bambu em projetos de arquitetura e design.

Também na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), o artigo intitulado: “Avaliação laboratorial de misturas asfálticas à quentes produzidas com grafite comercial”, cujos resultados indicaram a viabilidade do uso do grafite como material aplicável em pavimentos rodoviários.

O oitavo artigo, da UNICENTRO (Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná), apresenta um estudo que pretende definir em que nível os indicadores ambientais, sociais e econômicos existentes apoiam as autoridades portuárias, responsáveis pelas tomadas de decisão, em seus esforços para o desenvolvimento sustentável em harmonia com a comunidade local. O título do artigo é “Portos sustentáveis e os indicadores de desempenho ambiental, econômico e social para o desenvolvimento da comunidade local: uma revisão sistemática”

O nono artigo também é realizado de modo associativo, com participantes do IBT-SP (Instituto de Botânica do Estado de São Paulo) e UNESP (Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"), tendo por título “Telhados verdes: uma proposta para o uso com espécies nativas do Brasil”.

O design de moda está sempre presente nas edições da MIX Sustentável, e nesta é representado pelo artigo “Veganismo e consumo consciente: reflexões sobre o setor de vestuário brasileiro”, fruto da parceria entre pesquisadores da UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina) e IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina).

O décimo primeiro artigo também aborda o assunto de resíduos, com foco aqui na construção civil e é assinado por pesquisadores da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Tendo por título “Minimização de resíduos da construção em obras públicas por meio do processo BIM” o artigo apresenta uma proposta para aprimoramento dos processos da instituição pública para a minimização de resíduos.

Fechado a sessão de artigos, também do IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina), mais um artigo na área da moda: “Biotecidos: cultivo de celulose bacteriana para a área de moda”. O assunto envolve a biotecnologia e as oportunidades em termos de alternativas mais sustentáveis para produtos de moda, como a fabricação de materiais têxteis a partir de organismos vivos, como fungos e bactérias.

Completando a edição, temos um resumo de TCC, dois resumos de dissertações e um resumo de tese, além da entrevista da pesquisadora do Terra Brasil, Célia Neves.

Desejamos a todos uma excelente leitura e nos despedimos cordialmente,

---

**LISIANE ILHA LIBRELOTTO E PAULO CESAR MACHADO FERROLI**  
EDITORES DA MIX SUSTENTÁVEL